

TRILHA ALFABETIZADORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE BOA VISTA, RORAIMA

Hudson do Vale de Oliveira ¹
Francimeire Sales de Souza ²

RESUMO

Este relato de experiência refere-se a um projeto de intervenção realizado em uma escola municipal de Boa Vista, Roraima. O objetivo geral foi promover a leitura e a escrita, de forma lúdica, sendo desenvolvido entre 06 e 17 de junho de 2024, nos turnos matutino e vespertino, junto a alunos/as de duas turmas de primeiro ano do ensino fundamental. Ambas as turmas são bem participativas, com alunos que, em geral, conseguem fazer a leitura de palavras e, até mesmo, escrever algumas. Porém, em ambas, a grande maioria apresentava dificuldades na leitura e, conseqüentemente, também na escrita. O projeto teve 6 etapas: 1ª) definição do tema; 2ª) elaboração do projeto; 3ª) identificação das dificuldades dos alunos; 4ª) produção da trilha alfabetizadora; 5ª) aplicação da trilha; e 6ª) sistematização dos resultados. Destacamos que, em diálogo com a professora das turmas acerca das dinâmicas da execução do projeto, decidimos produzir a trilha, denominando-a de “trilha alfabetizadora”. A chegada no final da trilha representaria que o aluno conseguiu, percorrendo-a, fazer a leitura das palavras que encontrou por ela. Ele (aluno) utilizaria de um dado para saber, a cada rodada, quantas casas deveria andar, sendo estas (amarelas) indicadas de 1 a 22 – os ímpares na cor preta e os pares na cor marrom, apenas para efeito de estética. Cada número representava uma palavra, que o aluno só saberia ao chegar a algumas das casas da trilha e ter aberto os cartões (os cartões estavam numerados com o mesmo número de casas da trilha) que estavam colados no quadro branco. Chegando ao final da trilha, o aluno era considerado um super alfabetizado – fazendo referência a um super herói, inclusive com a perspectiva de, para além de proporcionar uma atividade lúdica, dá uma percepção de conquista para os alunos por terem alcançado o objetivo traçado.

Palavras-chave: Alfabetização, Educação Infantil, Ludicidade.

INTRODUÇÃO

A realização do projeto de intervenção que deu origem a este artigo ocorreu junto a duas turmas de 1º ano do ensino fundamental de uma Escola Municipal da cidade de Boa Vista/RR, iniciando-se com a etapa de preparação, por meio dos

¹ Doutor em Administração pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual de Roraima (UERR). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR) / *Campus* Boa Vista Zona Oeste (CBVZO) e do Programa do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) - Pólo IFRR / *Campus* Boa Vista (CBV), E-mail: hudson.oliveira@ifrr.edu.br

² Mestra em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR) / *Campus* Boa Vista Zona Oeste (CBVZO), E-mail: francimeire.souza@ifrr.edu.br



procedimentos burocráticos necessários para efetivação do processo.

Nesse sentido, cabe destacar que para dar início a esse processo, foi feito um contato inicial com a escola, no sentido de identificar o interesse e a possibilidade dela me receber para o desenvolvimento do projeto proposto, especificamente na condição de estagiário dos anos iniciais, tendo em vista o meu percurso formativo no curso de licenciatura em Pedagogia.

Porém, antes da efetivação do projeto, ressalta-se que foi realizado um momento de observação das turmas, durante o cumprimento da carga horário do estágio supervisionado, com o foco em identificar fragilidades e dificuldades dos alunos, não só na perspectiva de contribuir no sentido de resolvê-las ou, pelo menos, atenuá-las, mas também, nessa linha resolutiva, pensar e refletir sobre a necessidade de ajustes no projeto de intervenção inicialmente proposto.

Adicionalmente, é oportuno mencionar que também justificaram a realização do projeto proposto, dois outros aspectos: 1) a receptividade da professora das turmas em relação à temática proposta; e 2) os dados mais recentes do censo do IBGE de 2022, que indicam um município de Roraima como o que apresenta a maior taxa de analfabetismo do Brasil.

Assim, diante desse panorama construído após o processo de observação, inclusive buscando identificar os alunos que apresentavam mais dificuldades no processo de leitura e de escrita, especialmente com relação à leitura, emergiu a seguinte questão norteadora: Como promover a leitura e a escrita em turmas do 1º ano, de forma lúdica?

A partir dessas considerações iniciais, tendo por base essa questão norteadora, definiu-se como o nosso objetivo geral do projeto de intervenção “promover a leitura e a escrita, de forma lúdica, em turmas do 1º ano de uma Escola Municipal da cidade de Boa Vista/Roraima. Esse objetivo geral se desdobrou em três objetivos específicos, a saber: 1) Identificar as principais dificuldades apresentadas pelos alunos na hora da leitura e da escrita; 2) Praticar a leitura e a escrita, com foco nas dificuldades identificadas, por meio de atividades lúdicas de uma trilha alfabetizadora; e 3) Identificar a evolução dos alunos a partir das atividades desenvolvidas, frente às dificuldades identificadas.



ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: ALGUNS APONTAMENTOS

A realização do estágio supervisionado é uma etapa de suma importância nos cursos de licenciatura, não só em função do cumprimento da disciplina curricular, mas também tendo em vista que, dentre tantas possibilidades, o estágio permite que os futuros professores, em particular os estudantes de pedagogia, que é o meu caso, tenham experiências práticas no ambientes escolares que, em que pese as particularidades de cada aluno, se configuram como os ambientes nos quais trabalharão.

Com relação ao estágio supervisionado, Silva e Gaspar (2018, p. 205) pontuam que “[...] é um componente curricular obrigatório nos cursos de formação de professores que estabelece um diálogo entre a teoria apreendida no curso de formação e a prática nas escolas-campo de estágio”.

Assim, por meio da realização dessa prática, os alunos têm a oportunidade de exercitar os conhecimentos que são repassados em sala de aula, integrando, dessa forma, a teoria, que é repassada e dialogada juntamente com os professores das disciplinas curriculares, ao que eles observam e praticam durante o período de realização do estágio supervisionado.

Ademais, o período de realização do estágio é considerado como o momento no qual os estagiários vão à escola para (re) conhecer a realidade escolar com o olhar de um profissional que está em processo de formação (Cyrino; Benites; Souza Neto, 2015; Pimenta; Lima, 2004).

Esse reconhecimento se faz necessário, pois os alunos, frequentando as aulas por meio das teorias que são repassadas, não conseguem, apenas assim, ter dimensão do ambiente escolar, sobretudo atrelado às diferentes dinâmicas que ocorrem no processo de formação, inclusive com as particularidades de cada fase educacional.

Alves, Sanchez e Magalhães (2013, p. 99), acerca do estágio supervisionado, mencionam:

[...] objetiva instrumentalizar o aluno do curso de Pedagogia para que este possa construir sua práxis pedagógica, ou seja, possibilita ao graduando compreender as relações existentes no processo de constituição escolar e analisá-las de forma crítica colaborando para estabelecer transformações neste processo para que a escola venha a desempenhar sua função da melhor forma possível (Alves; Sanchez; Magalhães, 2013, p. 99).

Portanto, o estágio é uma etapa crucial na formação dos futuros professores, exercendo papel importante nesse processo formativo.



DIALOGANDO SOBRE A ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização, juntamente com o letramento, é uma porta de entrada para o mundo da leitura (Silva; Santos, 2020) e, por meio dessa porta, para a ampliação das possibilidades dos alunos, pelas várias descobertas que estes terão quando conseguirem fazer a leitura, por exemplo, daquilo que está a sua volta.

Silva e Santos (2020) pontuam que muitas crianças, embora sejam alfabetizadas, não conseguem compreender o que leem, ou seja, acabam se tornando analfabetas funcionais. Assim, faz-se necessário desenvolver estratégias de alfabetização que, efetivamente, contribuam com o aprendizado das crianças, ou seja, que façam com elas consigam fazer leituras.

Nesse sentido, inclusive, em um contexto nacional foi instituída, por meio do Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, a Política Nacional de Alfabetização (PNA), cuja finalidade é, conforme Nadalim (2021, p. 10) “[...] melhorar a qualidade da alfabetização no território nacional e combater os analfabetismos absoluto e funcional, no âmbito das diferentes etapas e modalidades da educação básica e da educação não formal, com base em evidências científicas”. Destacamos que esse Decreto foi revogado pelo Decreto nº 11.556, de 12 de junho de 2023, que institui o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada.

Bittencourt e Cesa (2023) ratificam a importância da alfabetização, ressaltando que ela é fundamental para a construção social do indivíduo, se configurando em um espaço de excelência, no qual as crianças darão os seus primeiros passos rumo a uma sociedade letrada.

ANOS INICIAIS: SOBRE O ESPAÇO DE REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Ressalta-se que a escola na qual foi realizado o estágio curricular supervisionado e, conseqüentemente, o projeto de intervenção que deu origem a este artigo (relato de experiência) encontra-se em uma região que, em geral, apresenta casas de alvenaria, porém percebe-se a existência, na região, de pessoas vivendo em condições de vulnerabilidade, inclusive nas ruas – não sendo perceptível nos turnos nos quais as atividades escolares são desenvolvidas (manhã e tarde).



Na escola tem apenas turmas da educação infantil e 13 (treze) turmas de primeiro ano, distribuídas entre os dois turnos de atuação (manhã e tarde). Em geral, cada turma tem uma professora, porém, há casos em que uma mesma professora atua em mais de uma turma – foi o caso da professora que acompanhei durante o estágio. Ademais, a escola conta com professoras de artes, professores de educação física e uma professora que atua diretamente com os alunos que apresentam necessidades específicas.

Conta, ainda, com uma gestora e com duas supervisoras pedagógicas, também chamadas de coordenadoras, que sempre estão acompanhando as atividades da escola. Tem alguns outros funcionários que atuam na escola em diferentes frentes como: cuidadores, assistentes de alunos, cozinheiras, secretários.

Em termos de estrutura física, a escola, em geral, apresenta condições adequadas, com um pátio relativamente amplo, cozinha, 2 salas de secretária, inclusive, onde ficam as coordenadoras pedagógicas, uma sala direcionada para os alunos com necessidades específicas, uma sala da gestora, uma cozinha, na qual são preparadas as merendas dos alunos, uma sala direcionada para venda de lanches para as crianças, 10 salas de aula, que apresentam diferentes tamanhos e *layouts*, além de 2 banheiros. Assim, pode-se considerar que a escola apresenta uma estrutura, em geral, adequada, porém com algumas limitações. De todo modo, é um espaço educacional que vem cumprindo o seu papel nas séries iniciais, com foco no primeiro ano.

Em relação ao pátio, destaca-se que ele é utilizado para várias atividades como, por exemplo, acolhimento geral dos alunos, quando eles chegam à escola, especialmente na perspectiva de recepção destes; local onde os alunos se reúnem para lanche / merendar na hora do recreio; e espaço que, nas aulas de educação física, se “transforma” em ambiente de aula, por meio das atividades que são propostas pelas professoras.

Há um espaço de parquinho, porém, ao que parece, ele é adaptado, sendo utilizado pelos alunos, por turma, por meio de rodízios, em função dos horários marcados. Próximo ao estacionamento, que também não é grande – muitos estacionam os carros na frente / próximo a escola –, há um espaço onde, geralmente, realizam-se algumas atividades práticas como, por exemplo, pequenos experimentos referentes aos conteúdos de ciências.

Pelo que foi observado há mobiliário satisfatório para atender as demandas da



escola. Nas salas de aula, com foco nas que atuei, na condição de estagiário, observa-se quadro branco, mesas, cadeiras, ar condicionado, além de vários cartazes, não só as atividades já realizadas pelos alunos, mas cartazes gerais relacionados a vários conteúdos como, por exemplo, o alfabeto e os números.

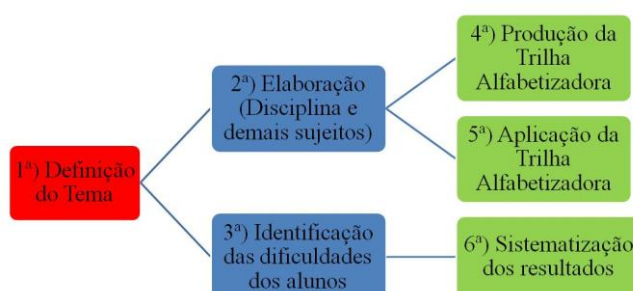
METODOLOGIA

O estágio curricular supervisionado foi realizado junto a alunos/as de duas turmas de primeiro ano do ensino fundamental (1º ano D e 1º ano I, pela manhã e pela tarde, respectivamente), com faixa etária entre 06-07 anos. Ambas as turmas são bem participativas e apresentam alunos que, em geral, conseguem fazer a leitura de palavras e, até mesmo, escrever algumas. Porém, em ambas, a grande maioria apresentava dificuldades na leitura e, conseqüentemente, também na escrita. A turma do 1º Ano D tem 25 (vinte e cinco) alunos matriculados, destes 7 (sete) são venezuelanos, enquanto a turma do 1º Ano I tem 16 (dezesesseis) alunos matriculados, destes 2 (dois) são venezuelanos.

Ressalta-se que durante a realização de um período de observação nas turmas nas quais realizei o estágio, em que pese às particularidades destas, verificou-se as dificuldades que alguns alunos encontravam quando precisavam fazer a leitura de determinadas palavras. Atrelada a essas dificuldades, participei de uma reunião pedagógica na qual a temática da “alfabetização” foi pontuada como prioritária nas escolas municipais.

Para que o projeto de intervenção proposto fosse desenvolvido adequadamente foram adotadas 6 (seis) etapas, conforme Figura 1.

Figura 1- Sistematização das Etapas



Fonte: Elaboração própria (2024).



Ressalto que as três primeiras etapas se referem ao processo de elaboração da proposta, ou seja, estão relacionadas com a parte observacional, na qual definimos o tema, elaboração a proposta e, paralelamente, a essas etapas identificamos as dificuldades dos alunos, inclusive no sentido de justificar a relevância do projeto proposto. As três últimas etapas foram relacionadas à parte prática, perpassando pela produção da trilha, pela sua aplicação e, posteriormente, pela fase de sistematização. A seguir detalhamos cada uma das etapas apresentadas.

- Processo de observação:

1ª etapa: definição do tema do projeto de intervenção; o tema foi definido levando-se em conta a observação realizada nas turmas, bem como os diálogos com a professora das turmas e, ainda, os apontamentos apresentados na reunião pedagógica da qual tive a oportunidade de participar.

2ª etapa: elaboração e apresentação da proposta do projeto de intervenção. Posteriormente, após a realização dos ajustes que se fizeram necessários, o projeto foi apresentado para a professora das turmas e também para a gestão da escola, inclusive para coletar sugestões de melhorias desses diferentes atores envolvidos com as turmas.

3ª etapa: identificação das principais dificuldades de leitura e de escrita apresentadas pelos alunos – nesse caso, foram consideradas as observações realizadas junto às turmas, bem como os diálogos com a professora das turmas acerca do desempenho dos alunos.

- Parte Prática:

4ª etapa: elaboração/produção da trilha alfabetizadora; uma vez aprovado o projeto de intervenção, após a coleta de sugestões dos diferentes atores envolvidos, bem como a realização dos ajustes que se fizeram necessários, procedemos com a elaboração da trilha alfabetizadora, com vistas a alcançar os objetivos definidos no projeto – evidências desse processo são apresentadas a seguir (Figura 2).



Figura 2- Evidências dos processos referentes à produção da trilha alfabetizadora



Fonte: Elaboração própria (2024).

Nesse processo de preparação da trilha propriamente dita, bem como dos outros materiais que, em função delas, foram mobilizados, utilizou-se os seguintes materiais: bastão de cola, pistola de cola quente, E.V.A (vermelho, preto e marrom), T.N.T. (cores variadas), papelão, caneta, lápis, pincel, cartolina (azul e verde), estilete e tesoura.

5ª etapa: aplicação do projeto de intervenção; a ideia era que todos os alunos participassem da atividade, ao longo das aulas, percorrendo a trilha e dando continuidade a ela de onde cada aluno parou. Assim, todos estariam, continuamente, motivados a participar do projeto, uma vez que eles tiveram que dar continuidade ao seu caminho na trilha.

6ª etapa: sistematização dos resultados, não só por meio das percepções acerca do desempenho dos alunos com a atividade proposta, sobretudo em uma perspectiva de avaliar a evolução dos alunos, frente às dificuldades que foram identificadas, mas também dos desdobramentos na escola e fora dela (por meio de sua rede social).

RESULTADOS: O QUE NOS DIZ A EXPERIÊNCIA REALIZADA

A atividade foi desenvolvida em 04 dias, totalizando 20 horas de aplicação, sendo 10 horas em cada turma / turno. Destaco que, em diálogo com a professora das turmas acerca das dinâmicas relacionadas à execução do projeto proposto,



paralelamente às atividades previstas na escola, decidimos produzir a trilha que, além da identificação “trilha alfabetizadora”, continha também os termos “saída” (indicando o início da trilha) e chegada (indicando o final da trilha).

A chegada no final da trilha representaria que o aluno conseguiu, ao percorrê-la, fazer a leitura das palavras que encontrou por ela. Para tanto, ele utilizaria de um dado para saber, a cada rodada, quantas casas ele deveria andar, sendo as casas (amarelas) indicadas pelos números de 1 a 22 – os ímpares produzidos na cor preta e os pares na cor marrom, apenas para efeito de estética. Cada número representava uma palavra, que o aluno só iria saber qual era ao chegar a algumas das casas da trilha e ter aberto os cartões (os cartões estavam numerados com o mesmo número de casas da trilha produzida) que estavam colados no quadro branco.

Chegando ao final da trilha, o aluno era considerado um super alfabetizado – fazendo referência a um super herói, inclusive com a perspectiva de, para além de proporcionar uma atividade lúdica, dá uma percepção de conquista para os alunos por terem alcançado o objetivo traçado. Para tanto, produzimos capas com T.N.T., que eram repassadas aos alunos (cada um fazia a sua escolha – ou seja, quem terminasse a trilha primeiro teria um maior número de capas para escolher) como forma de consagração.

Para detalhar, de maneira lúdica, a atividade que foi executada por meio do projeto de intervenção, apresento as evidências desse processo de aplicação (Figura 3).

Figura 3- Evidências dos processos referentes à aplicação da trilha alfabetizadora



Fonte: Elaboração própria (2024).



Ao concluir a trilha alfabetizadora o aluno, após ser “coroadado”, com o recebimento de sua capa de “super alfabetizado”, ele se sentava e aguardava os demais colegas também finalizarem a trilha. O aluno tinha a possibilidade de escolher a cor preferida dele, quando finalizasse a trilha. Porém, na medida em que os alunos iam finalizando a trilha, também se reduzia as opções de escolhas. Nas duas turmas, todos os alunos chegaram ao final da trilha – embora, obviamente, percebemos àqueles que tiveram maior dificuldade no percurso, precisando, inclusive, de ajuda, de intervenção, pois não queríamos que nenhum aluno ficasse sem receber a sua capa.

Ressalto que devido ao número de alunos da turma, as rodadas eram relativamente demoradas, o que fez com que apenas no último dia de aplicação do projeto de intervenção tivéssemos alunos chegando ao final da trilha alfabetizadora. Porém, ao longo do processo de aplicação, tinha alunos que, a cada dia, se aproximavam mais da chegada.

Assim, finalizado o tempo que tínhamos disponível para executar o projeto de intervenção em determinado dia, fazíamos o registro de em qual casa cada aluno finalizou aquela rodada, no sentido de darmos continuidade posteriormente. O processo de chegada também demorou um pouco, em virtude de que alguns alunos faltaram dias na aula que e, dessa forma, não conseguiam dar continuidade ao percurso.

No final, todos os alunos, das duas turmas, receberam as suas capas, pois conseguiram finalizar a trilha alfabetizadora. Foi possível perceber que a atividade agradou os alunos, estimulando a participar, o que proporcionou, inclusive, desinibição da parte deles quando do processo de leitura das palavras, uma vez que isso era o requisito para avançar, pois se o aluno não fizesse a leitura ou fizesse de maneira incorreta ele teria que regressar para a sua casa de origem, ou seja, não conseguiria permanecer na casa em que estava, por força do número de casas que andou em função do número apresentando quando do uso do dado.

Identificou-se, inclusive, ao longo do processo, que, possivelmente, alguns alunos que apresentavam dificuldades na hora de fazer a leitura de determinadas palavras conseguiam fazer porque, possivelmente, eles acabavam decorando as palavras que eram perguntadas pela professora. Essa possibilidade de “decoreba”, obviamente, tratava-se de uma hipótese, mas que era, geralmente, validada, na prática, quando a



professora pedia, por exemplo, para que o mesmo aluno fizesse a leitura de outra palavra, inclusive muito similar a que ele conseguiu lê.

Ressalta-se que, em um primeiro momento, essa questão da “decoreba” era compreendida, inclusive por mim, como algo negativo, pois imaginamos que o aluno não estava aprendendo, mas apenas repetindo o que outras crianças falavam. Porém, posteriormente, passamos a entender que este artifício não se configura, necessariamente, como um problema, sobretudo porque, na minha concepção, a questão da decoreba utilizada por alguns alunos, para além de um artifício / uma estratégia por eles utilizados para se chegar ao resultado esperado (no caso: conseguir fazer a leitura de determinadas palavras), pode representar a forma como eles se inserem no processo formativo, mobilizando os mecanismos necessários para o seu aprendizado. Assim, acredito que, de decoreba a decoreba, o aluno consiga assimilar o aprendizado acerca de determinada palavra, determinada frase e consiga, com o tempo, fazer a leitura do que lhe é proposto.

Observou-se, ainda, que os alunos, das duas turmas, apresentavam dificuldades no que se refere à realização de atividades que são repassadas para casa, inclusive quando a atividade em questão se referia a fazer a leitura de algumas palavras que, posteriormente, eram solicitadas na aula, durante um momento específico denominado de “a hora da leitura”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com a educação infantil é muito desafiador. Esses desafios são diários e apresentam várias nuances. Especificamente atrelado ao projeto proposto, foi desafiador pensar em algo que fosse atrativo para os alunos, ao mesmo tempo em que buscasse contribuir para a resolução de um problema identificado.

Destaca-se que a realização do estágio foi muito significativa porque nos proporcionou vivenciar experiências no cotidiano escolar, no contexto da educação infantil, séries iniciais (1º Ano), vivenciando diferentes realidades, nas turmas em que tive oportunidade de estagiar.

A proposta foi lançada, aceita, executada e, agora, fazendo uma parte da sistematização por meio deste artigo (relato de experiência) a sensação de desafio só aumenta, mas agora perpassada pela sensação de dever cumprido, pois além de ser bem



aceito, não só pelos alunos, mas também pela escola (atores envolvidos no processo), percebemos que trouxe impactos significativos, para os alunos, para a professora da turma, para outros professores que foram verificar a aplicação do projeto, pois foi algo que chamou a atenção deles, para a escola e, claro, para mim, uma vez que vi a materialização de algo que foi planejado passo a passo.

REFERÊNCIAS

ALVEZ, V. P.; SANCHEZ, A. B.; MAGALHÃES, C. O Estágio supervisionado no curso de pedagogia: “e quem já é professor”? Vivências e experiência da prática de estágio. **Revista Eletrônica Pro-Docência/UEL**. Edição Nº. 4, Vol. 1, jul-dez. 2013.

BITTENCOURT, R. L.; CESA, N. N. B. A política nacional de alfabetização e a base nacional comum curricular: concepções em movimento. **Revista Brasileira de Alfabetização (RBA)**, n. 21, p. 1-17, 2023. Disponível em: <<https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/688>>. Acesso em: 13 maio 2024.

BRASIL. Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019. **Institui a Política Nacional de Alfabetização**. Brasília/DF. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d9765.htm>. Acesso em: 13 maio 2024.

BRASIL. Decreto nº 11.556, de 12 de junho de 2023. **Institui o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada**. Brasília/DF. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Decreto/D11556.htm#art37>. Acesso em: 13 maio 2024.

CYRINO, M.; BENITES, L. C.; SOUZA NETO, S. de. Formação Inicial em Pedagogia: os professores colaboradores no Estágio Supervisionado. **Revista de Educação Unisinos**, v. 19, n. 2, p. 252-260, maio/agosto, 2015.

NADALIM, C. F. de P. Apresentação. **In: Práticas de alfabetização: Livro do professor alfabetizador – Estratégias. Tempo de aprender.** Secretaria de Alfabetização – Sealf – Brasília: Ministério da Educação (MEC), 2021. Disponível em: <https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/livro-do-professor_03_09.pdf>. Acesso em: 13 maio 2024.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo, Cortez, 2004, 296 p.

SILVA, H. I.; GASPAR, M. Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) – Relatos de Experiência**. Brasília, v. 99, n. 251, p. 205-221, jan./abr. 2018.

SILVA, P. G. F. da; SANTOS, M. R. B. dos. Alfabetização e letramento: conceitos e diferenças. **In: Anais do VII Congresso Nacional de Educação – CONEDU**, Maceió, Alagoas, 15 a 17 de outubro de 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA8_ID304_01102020180233.pdf>. Acesso em: 13 maio 2024.

